

ARTE CONTEMPORÂNEA E ENSINO DA ARTE: APROXIMAÇÃO, INTERAÇÃO E REVERBERAÇÕES

Greice Cohn – Colégio Pedro II

Resumo

Este trabalho propõe uma reflexão sobre as reverberações que a aproximação e a interação entre o ensino da arte e a arte contemporânea provocam tanto no universo pedagógico como no sistema da arte. A experiência de três anos de parceria entre uma escola pública do Rio de Janeiro e uma galeria de arte, envolvendo a participação de artistas e curadores, nos permite observar que a aproximação dos dois universos e sua integração em propostas pedagógicas conjuntas provocam reverberações significativas no desenvolvimento dos alunos como seres humanos e cidadãos, assim como na sua formação como público de arte.

Palavras-chave: Ensino da arte; arte contemporânea; interação

Abstract

This work proposes a reflection on the reverberations that the approach and the interaction between art teaching and contemporary art provoke both in the pedagogic universe and in the art system. A three year experience in partnership between a public school of Rio de Janeiro and an Art Gallery, involving the participation of artists and curators, allows us to observe that the approximation between the two universes and their integration in joined pedagogic proposals, cause significant reflections in the development of the students, as human beings and citizens, and in their formation as an art public as well.

Key-words: *art-teaching; contemporary art; interaction*

Os pressupostos teóricos que norteiam o ensino da arte hoje propõem este como um espaço de proposição e interação, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento de novos olhares sobre a arte e sobre a própria vida, por meio de ações que se constroem num terreno dialógico e transitivo de conhecimentos e subjetividades. Articulando as interrelações entre o fazer artístico (processo criativo/expressivo), a leitura da obra de arte (análise crítica/interpretativa/estética) e a contextualização histórica, social, antropológica e estética de obras de arte (Barbosa, 2003, p. 17) e de imagens advindas da cultura visual, o ensino da arte possibilita a compreensão da arte como um fazer, que envolve a vivência do processo criativo/elaborativo, e também como uma forma de pensar a arte. Nessa perspectiva, o ensino da arte constitui-se como um espaço de conexão do ser humano consigo próprio e também com o universo da arte, uma vez que propõe ações que permitem a

interação, a participação e a compreensão da arte, articuladas ao fazer, à reflexão e à criação. Um espaço complexo e desafiador, onde é preciso considerar o aluno e seus processos de aprendizagem, ao mesmo tempo em que é preciso também conhecer a Arte, sua história, seus contextos de criação e apresentação na sociedade, um espaço de construtivismo social (PARSONS, 1999).

Partindo dessa concepção sobre o ensino da arte, pretendemos com este trabalho nos concentrar nas contribuições que a interação entre o ensino da arte e os setores de produção e difusão da arte contemporânea pode trazer aos processos de ensino-aprendizagem e também ao sistema da arte de forma mais ampla. A experiência de três anos de parceria entre uma escola pública do Rio de Janeiro e uma galeria de arte, envolvendo a participação de artistas e curadores, nos permitiu observar que a aproximação dos dois universos e sua integração por meio de propostas pedagógicas conjuntas provocam reverberações significativas no desenvolvimento dos alunos como seres humanos e cidadãos, assim como na sua formação como público de arte, o que, como veremos, interfere no sistema da arte.

Abordaremos essa interação a partir da observação das ações de aproximação realizadas, como também sob o ponto de vista da articulação conceitual entre as propostas trazidas pela arte contemporânea e os métodos de ensino-aprendizagem da arte. Refletiremos sobre essa experiência principalmente sob a luz dos estudos de Dewey, Bachelard, Deleuze e Cauquelin, que nos permitem perceber, respectivamente, a arte como experiência, tanto para quem a produz como para quem a frui; o potencial de uma imagem poética na construção de subjetividades; a importância das construções rizomáticas no desenvolvimento de práticas pedagógicas; o ensino da arte, como formador de público, interferindo na própria arte.

Não se questiona mais hoje a relevância do estabelecimento de parcerias entre museu e escola, estas já acontecem e são muito valorizadas por aproximar o universo artístico do pedagógico e por garantir altos índices de visitação e público nos espaços expositivos. Já existem vários estudos sobre o tema e nenhum professor de arte questiona a importância da visitação a espaços expositivos para o desenvolvimento de suas práticas. Mas será que as visitas em si resultam em processos significativos para os alunos? Será que propiciar visitas significa necessariamente o estabelecimento de diálogos pedagógicos/poéticos entre a escola e o museu? Vemos a visita ao museu como parte de todo um processo e não como “um passeio” ou uma atividade extra que possa estar desconectada de um projeto

pedagógico em curso. A visita ao museu ou galeria é uma aula fora da escola, com propósitos e metodologia elaborados pelo professor de arte. Barbieri, ao refletir sobre a função do professor de arte na escola, afirma que o papel do ensino da arte é “trazer à tona a inquietação que mobiliza os artistas quando estão produzindo, ao invés de apenas revelar o que na obra já se acomodou e foi entendido através dos tempos, o professor deve buscar o que ainda vive na obra latente e único”¹, para então propor reflexões e experimentações aos seus alunos, como um investigador, um conscientizador da experiência, um agente provocador. Para que se entre em contato com o que ainda vive na obra latente e único, como propõe Barbieri, é preciso que se trabalhe o aluno antes, durante e depois da visita, de forma ampla, dinâmica e processual, propiciando um real envolvimento deste com a experiência.

Pretendemos, então, refletir sobre a aproximação entre escola e espaços expositivos sob o ponto de vista da integração efetiva e contínua entre os dois universos, a partir de uma interpenetração tanto física quanto conceitual entre ambos. Uma interpenetração conceitual se daria a partir do desenvolvimento de práticas pedagógicas inspiradas nas propostas trazidas pela arte e pelos procedimentos e vivências ocorridos no desenvolvimento dessa parceria.

A experiência com o ensino da arte contemporânea no Ensino Médio tem me mostrado que a arte contemporânea em si já é portadora de uma pedagogia que pode caminhar de mãos dadas com o próprio projeto pedagógico do ensino da arte. A contradição e o questionamento como premissas, a sua falta de unidade estilística, suas complexidades e quebras de padrões, todo esse conjunto desestabilizador provoca nos seus espectadores a criação de um novo olhar para o mundo à sua volta, um olhar vivo, poético e crítico, um olhar que pensa. Destacamos a seguir alguns aspectos: 1- sua abordagem não representativa, mas apresentativa (a arte contemporânea não descreve o mundo real, mas constrói e insere o espectador em narrativas poéticas sobre ele, apresentando possibilidades de reflexão sobre este mundo e exigindo do espectador uma participação ativa no seu processo de apreciação e decifração); 2- a exploração de diferentes linguagens que, com sua sensorialidade, transitoriedade, mistura de estímulos, ousadia e questionamentos, desassocia o fazer artístico da habilidade, identificando-o como uma atividade intelectual, exploratória e propositiva; 3- a ênfase no processo, na elaboração coletiva e no dinamismo e efemeridade das propostas. Esse conjunto de características apresentado pela arte da atualidade se mostra bastante convidativo para um universo

pedagógico que se proponha investigativo e questionador, pois “o potencial contestatório, conceitual, problematizador, desestabilizador, reflexivo, investigativo, aberto, poético e estético” (MENEZES, 2007) da arte é um convite para o desenvolvimento de práticas e métodos de ensino-aprendizagem também dinâmicos, contestatórios, libertadores, investigativos, poéticos e estéticos.

Descreveremos a seguir o método de trabalho que realizamos no Ensino Médio da Unidade Centro do Colégio Pedro II² nos últimos anos, que priorizou a aproximação com outros setores do sistema da arte e, ao mesmo tempo, fundamentou-se no diálogo com as propostas emergentes da arte contemporânea. Iniciamos, em 2008, uma parceria com a Galeria Largo das Artes³, por meio da qual promovemos visitas a exposições, encontros com artistas, galeristas e curadores, tanto no espaço da galeria como no espaço escolar.

Meu objetivo principal como professora neste curso tem sido formar cidadãos críticos, esteticamente sensíveis e capazes de dialogar com a produção artística de seu tempo. Abordo *a conceituação da arte e a estética contemporânea* por meio de aulas expositivas; leituras de textos, apresentação de imagens impressas e em vídeo; visitação a exposições em galerias de arte e/ou centros culturais e encontros com artistas. A culminância do curso, que dura um semestre, é o desenvolvimento e produção de um trabalho plástico, onde o aluno tem a oportunidade de elaborar um projeto poético próprio, baseando-se no conjunto de experiências e conhecimentos adquiridos.

Num primeiro momento, ao enfrentar alguns preconceitos da parte dos alunos, advindos, em sua maioria, da falta de contato com a produção artística atual, lembro-lhes que “não podemos usar critérios pertinentes a um tipo de arte como julgamento para estabelecer critérios para outros tipos de arte” (SANTAELLA, 2005). A compreensão e aceitação dessa premissa aliada ao conjunto de estratégias acima descrito vêm possibilitando aos alunos uma aproximação e interesse pela arte, além de, ousamos afirmar, mudanças de postura diante da própria vida. Comentários como estes sinalizam transformações:

“Antes, qualquer obra de arte parecia não ter significado, principalmente a contemporânea. Depois que aprendemos a dar novos significados às obras e a interpretá-las de modo diferente, tudo ganha novos sentidos, a arte ganha novo sentido. A arte me ensina a pensar e abrir meus horizontes” (E.L.).

“Me deu uma noção melhor e maior até do que está à minha volta”. (C.A.)

“Eu posso dizer que arte contemporânea é uma releitura do mundo real, ou seja, ela nos dá uma visão do mundo totalmente diferente” (A. S. F.)

Percebemos que existem três momentos mais significativos para os alunos neste curso: a visita à exposição, que, ao permitir a penetração nos espaços expositivos, possibilita a inserção do aluno num universo mais amplo, trazendo o encontro matérico com obras de arte; o encontro com artistas, que possibilita um contato vivo e direto com um setor desconhecido e historicamente mistificado; e o momento de produção dos trabalhos plásticos, oportunidade de elaboração, reflexão e mergulho no universo subjetivo, cognitivo e poético da criação.

Um dos maiores desafios na orientação dos trabalhos tem sido possibilitar uma transformação no olhar do aluno, do olhar pragmático para o olhar poético. Na sala de artes sentamos sempre em volta de uma mesa redonda, onde conversamos, por exemplo, sobre as diferenças entre os propósitos de uma feira de ciências e uma mostra de arte. Digo-lhes que ambos podem abordar fenômenos semelhantes (sociais, ambientais, físicos, etc.), mas enquanto a ciência pretende responder a indagações, definindo, comprovando, descrevendo e dando contorno aos fenômenos, a arte faz suas perguntas preferindo deixar em aberto esses limites, transgredindo-os ao abrir espaços poéticos, imaginativos e subjetivos, espaços de libertação. Como afirma Bachelard, “libertação é a própria característica da atividade de imaginar” (2008). O grande desafio que se apresenta, então, para os alunos é, ao traduzir processos imaginativos em formas concretas, serem capazes de fazê-lo de maneira poética e não descritiva, penetrando assim, no universo evocativo da arte. Para tal, todas as etapas de processo de ensino-aprendizagem são fundamentais, uma influenciando e crescendo à outra. Ao se aproximar do universo criativo/elaborativo vivenciado pelos artistas, tanto por meio do contato com as obras, como da conversa com o artista, os alunos vivenciam um processo de receptividade não passiva⁴, pois são perceptivos nessa recepção. Ao serem estimulados a desenvolver seus próprios processos elaborativos compreendem melhor, a partir de sua própria experiência, os processos vivenciados e relatados pelos artistas (através de seus discursos e de suas obras). Dewey nos lembra que “nada cria raízes na mente quando não há equilíbrio entre o agir e o receber”, entre o fazer e o perceber o que se está fazendo (DEWEY, 2010, p. 124), sendo na articulação entre a percepção (tanto do trabalho

do artista como do seu próprio) e a elaboração que se desenvolverá uma compreensão dos processos vividos⁵.

No desenvolvimento e construção dos trabalhos plásticos elegemos um tema comum e abstrato⁶ (geralmente evocado pelos processos vivenciados anteriormente na visita à galeria e conversa com o artista), que possa gerar diferentes conceitos, caminhos e escolhas, a partir da interpretação, e ponto de vista de cada um.

Ressalto sempre a necessidade de atenção e busca por um diálogo entre forma e conteúdo na elaboração de um trabalho artístico, entre “o como” e “o quê”, entre meio e mensagem. Como nos diz Bachelard, “o mundo não é da ordem do substantivo, mas da ordem do adjetivo” (2008, p.152), sendo o adjetivo (*o como*), o responsável pela subjetividade, pela poética e significação de uma imagem, é o *como* que traz o ponto de vista individual, a forma única de ver e expor uma determinada situação. Quando os alunos compreendem essa relação e quando desenvolvem um olhar mais poético, dão um salto, penetrando no universo da arte com entusiasmo e dedicação. Apresentam-se, então, caminhos diferentes, escolhas diversas e o professor/propositor se torna, sob a perspectiva relacional e construtivista dos processos de ensino-aprendizagem, um orientador, “um tutor, provocador de oportunidades e reflexões, estimulador, investigador, conscientizador da experiência” (PINHEIRO, 2009, p.140.), dando suporte e auxiliando o desenvolvimento de poéticas alheias e diferenciadas, de acordo com conceitos e possibilidades de cada aluno/grupo.

Assim como para os alunos, esse tipo de interação coloca para o professor/mediador alguns desafios. A partir do momento que integra novos agentes portadores de discursos próprios em suas práticas de ensino/aprendizagem (artistas, galeristas, curadores), o professor incorpora conexões desestabilizadoras que inauguram processos imprevistos. Diferentes falas apresentam novos pontos de vista e possíveis contradições, des-hierarquizando e dinamizando o processo de ensino-aprendizagem, que se torna um processo conectivo, dinâmico e múltiplo, ao mudar necessariamente de natureza à medida que aumenta suas conexões (DELEUZE, 1995, p.17), se revelando como uma construção colaborativa e gradativa, desenvolvida a partir das próprias experiências vivenciadas no decorrer do processo⁷. A interação e o diálogo entre os diversos agentes intensifica no universo pedagógico seu caráter investigativo, questionador e múltiplo.

Para exemplificar todo esse processo, relataremos a experiência vivida pelas turmas de 2010 junto à Exposição *Jaqueline Vojta* no Largo das Artes, uma exposição individual, que possibilitou aos alunos a percepção do desenvolvimento de uma trajetória, uma linguagem, uma pesquisa poético/estética. Poesia e memória são questões presentes no trabalho da artista, que trouxe esse relato aos alunos:

Meu pai foi dono de uma fábrica de tecidos e lá trabalhei por 10 anos até a fábrica fechar em 1999. Minha 'pincelada' matéria, que são os fragmentos de tecidos encharcados de tinta, ou os tecidos já tintos que costuro com arame e depois colo uns sobre os outros, significam para mim uma forma de expressar uma atitude. Interesso-me em dar uma nova dignidade a esses trapos, tecidos velhos, arame e, nesse processo de transformação, procuro pela beleza, sutileza e multiplicidade de detalhes.⁸

A imbricação entre a história familiar e o trabalho da artista impressionou os alunos e se tornou o ponto de partida para a elaboração de seus trabalhos. O tema escolhido, então, foi FAMÍLIA, e os alunos partiram para um processo de investigação e evocação de suas memórias e histórias familiares, com o objetivo de elaborar formas que traduzissem e/ou problematizassem essas imagens resgatadas. Essa experiência lhes possibilitou um contato intenso com lembranças e afetos, ao mesmo tempo em que lhes trouxe a oportunidade de traduzirem e transcodificarem essas memórias em imagens/formas poéticas. Esse *mergulho* no espaço da intimidade e afetividade transcende (apesar de não excluir) uma possível função terapêutica que se poderia atribuir ao ensino da arte, pois, como nos lembra Bachelard,

[...] o espaço poético é um espaço que não nos encerra numa afetividade. Qualquer que seja a afetividade que matize um espaço, mesmo que seja triste ou pesada, assim que é poeticamente expressa, a tristeza se modera, o peso se alivia. Por ser o espaço poético expresso, adquire valores de expansão (BACHELARD, 2008, p.206).

Os “valores de expansão” mencionados por Bachelard podem ser percebidos nos espaços poéticos evocados pelos trabalhos dos alunos, que ora partiram de lembranças dolorosas, conferindo-lhes poesia e beleza ao traduzirem-nas em formas visíveis, ora partiram de imagens que já habitavam suas lembranças revestidas de beleza e poesia, imagens de devaneios, pois “as verdadeiras imagens são gravuras. A imaginação grava-as em nossa memória. Elas aprofundam lembranças vividas, deslocam-nas para que se tornem lembranças da imaginação” (ibid, p. 49). Estes alunos, ao evocarem, por exemplo, canecas, balanços, sapatilhas ou violinos, não citavam esses objetos pelo seu valor utilitário, mas como objetos simbólicos que eles trazem dentro de si já revestidos de sentidos e beleza, fazendo-os viver nos seus

trabalhos “com uma vida que não está na vida” (ibid, p. 230), mas em seus devaneios. Ao trazer essas imagens ao mundo visível através de seus trabalhos, revestiram-nas com a aura habitada por eles em sua imaginação, criando assim, imagens poéticas acessíveis a todos que as vissem, transubjetivando essas imagens, tornando-as agora, objetos poéticos. Assim, ao darem forma poética ao espaço da intimidade - espaço de imensidão (ibid, p. 206) - os alunos redimensionaram suas experiências e resignificaram-nas, trazendo, como os artistas, o espaço da intimidade ao encontro com o espaço do mundo, expandindo sua percepção e atuação nesse mundo.

O resultado desse processo foi a Exposição “Famílias, Memórias, Poéticas”, apresentando 65 trabalhos em suportes e materiais diversos e visitada por alunos, professores, familiares, direção da escola, e também pelos artistas Jaqueline Vojta e Flavio Colker, e pelos diretores da Galeria, a curadora Martha Pagy e o psicanalista Miguel Sayad.

Reverberações

No que diz respeito à vivência dos alunos, todo esse conjunto de experiências envolve processos construtivos e desconstrutivos de saberes cujas elaborações repercutem umas nas outras à medida que vão se sucedendo. Na primeira fase do curso, quando os alunos tomam contato com textos e reproduções de obras, com a história dos movimentos artísticos, com conceitos e com o pensamento estético, há uma ênfase na aquisição de conhecimentos e na reflexão sobre os significados atribuídos à arte e suas propostas, uma etapa intrinsecamente teórica, provocadora e fundamentadora. Ao visitar exposições e conversar com artistas, o contato matérico e direto com a arte e com a figura do artista se mostra como um divisor de águas em todo o processo, ao permitir uma nova qualidade de envolvimento e intensidade. Provocados na sua curiosidade e interesse, os alunos desconstróem conceitos preconcebidos, renovando sua percepção e apreensão. Ao analisarem as obras junto com o(s) artista(s) penetram num universo desconstrutivo acerca do próprio fazer artístico. Na etapa teórico-prática que se segue, de elaboração dos trabalhos, uma nova oportunidade de reconstrução se dá, uma vez que eles reelaboram o material visto a partir de um novo ponto de vista e partem para uma construção própria. O processo criativo imaginado sobre as obras vistas é então revivido e refeito, ao mesmo tempo em que se resgata todo o arsenal teórico

adquirido durante as etapas anteriores, sob a luz de sua própria experiência, percepção e subjetividade, agora estimuladas pelo contato matérico e problematizador de sua produção plástica. Esse conjunto de experiências envolve aproximação, dedicação, conexão, questionamento, reflexão, imaginação, significação e envolvimento com o que se apresenta, ao mesmo tempo em que lhes permite um mergulho em si próprio, resultando num processo de pesquisa, estudo, crescimento, sensibilização estética, reflexão, criação e produtividade, que reverbera dentro de cada um de forma diferenciada e por tempo indeterminado. É comum encontrarmos ex-alunos visitando museus ou centros culturais sozinhos, o que nos mostra que algo continua se processando dentro deles após o fim dessa experiência escolar.

No que diz respeito ao sistema da arte de uma forma mais ampla, essa interpenetração tanto conceitual como concreta entre os diferentes agentes e setores (escola/setor de formação, galeria/setor de difusão e artista/setor de produção) permite o surgimento de um novo espaço que transborda e dilui as fronteiras entre os campos que o integram, tornando os paradigmas que os constituem menos assimétricos e criando novas possibilidades de experimentação. Danto afirma que “o museu é um campo disponível para constantes reorganizações na contemporaneidade”, e que “o artista, a galeria, as práticas de história da arte e a disciplina da estética filosófica devem todos, de um modo ou de outro, ceder espaço e se tornar diferentes” (DANTO, 2006, p.7-21). O deslocamento de artistas, curadores e galeristas (agentes das reorganizações mencionadas por Danto) para o espaço de formação (exposição na escola), confirmam sua disponibilidade e desejo por novas configurações e sinaliza a relevância deste tipo de parceria, que se mostra significativa tanto para o universo educativo, que, como já vimos, aprofunda seu contato com o mundo da arte, como para o de produção e difusão da arte, que, ao flexibilizarem e hibridizarem seus espaços, contribuirão diretamente na formação de seu público, ampliando seus canais de atuação.

Anne Cauquelin define teoria da arte como “qualquer discurso cujos efeitos sobre o domínio artístico podem ser notados” (Cauquelin, 2005, p. 16) e afirma que as teorias de acompanhamento são desenvolvidas por um corpo erudito e profissional, mas, ao mesmo tempo, sofrem contribuições do que a autora denomina *doxa teórica*, ou rumor criado pelo senso comum ao redor das teorias e da própria arte. A autora ressalta a importância da *doxa* como um pano de fundo que contribui

para a compreensão dos modos pelos quais a arte é aceita ou rejeitada, esquecida ou glorificada, como um modo de discurso que contém suas próprias regras, constituindo uma parte secreta. A *doxa*, além de reagir às apresentações da arte, atua como modeladora, indiretamente e por suas expectativas, das formas de pensar e produzir arte, limitando as atividades artísticas e lhes atribuindo um lugar delimitado no qual elas irão surgir (id). O ensino da arte, como área de conhecimento e formação, ao atuar diretamente sobre o público (crianças, adolescentes ou adultos), corpo constitutivo dessa *doxa*, provoca dissonâncias e ruídos nesse rumor coletivo, de forma dinâmica e constante. Ao encontrarmos alunos ou ex-alunos sozinhos visitando exposições em centros culturais, alunos que nunca tinham entrado num museu antes do curso e passaram a incorporar este hábito ao seu dia-a-dia, comprovamos uma reverberação que, como afirma Cauquelin, “contribui para a compreensão dos modos pelos quais a arte é aceita ou rejeitada, esquecida ou glorificada” (id.), reverberação esta que acaba por atuar como modeladora das formas de pensar e produzir arte.

Preferimos concluir esse trabalho expondo alguns depoimentos dos diversos agentes participantes desse processo de aproximação e integração (curadores, galeristas, artista, alunos e ex-alunos), que nos permitem refletir sobre as reverberações que toda essa experiência de aproximação e integração entre a arte e o ensino da arte pode possibilitar, tanto ao crescimento pessoal dos alunos, como à sua formação enquanto público de arte, conseqüentemente, afetando o sistema da arte.

“O Largo tem essa função, não só de fazer a circulação, a promoção e divulgação da arte contemporânea, como também formar público, e formar público passa por programas educativos. A nossa preocupação sempre foi essa, usar a arte como uma ferramenta de transformação do indivíduo, do espaço público, do cenário, do contexto, e aí veio muito a calhar essa parceria com o Pedro II. Você, especificamente aqui no Pedro II, proporciona essa regularidade que a gente acha que é fundamental. É fundamental pro aluno, pra escola e pro Largo, porque você fazer uma atividade regular, incluída no currículo da escola, você já programa, você já sabe o que nós estamos apresentando, a gente pode mandar material prévio pra você, a riqueza deste trabalho é infinitamente superior a uma coisa mais pontual e esporádica. Então pra nós é super importante a parceria com vocês do Colégio Pedro II.

[...] O trabalho da Jaqueline é muito rico como objeto artístico, mas tem a questão da memória, do posicionamento dela em relação à própria arte, da vida dela e tudo o mais. E a idéia de trabalhar com os alunos essa questão da memória e da poética é fundamental, porque só assim eles de fato estão fazendo aquele processo da evocação da obra de arte, no qual eles trazem o imaginário deles, sua subjetividade, e aí, em contato com o trabalho dela, eles podem explorar isso.”

Martha Pagy, Curadora e Diretora da Galeria Largo das Artes

“Eu adorei a exposição, achei incrível a profundidade e a densidade do pensamento que tem em cada um dos trabalhos, a diversidade de meios que eles usam, tem trabalhos com música, outros com fotografia, com vídeo, outros que tem uma tendência mais para o escultórico, em três dimensões, outros lidam com uma interatividade do público, onde você pode escrever o seu sonho, fazer um bilhete, um desenho [...] é impressionante ver que quando estimulado, o potencial criativo que todo mundo carrega.

[...] quando você olha um trabalho de arte, cada um acaba retendo aquilo que tem mais a ver consigo próprio, então, não necessariamente a razão que me moveu a fazer o meu trabalho vai ser a mesma que vai movê-los a fazer os deles, mas aquilo ali despertou alguma coisa neles, e a demonstração disso é que eles não ficaram presos ao que viram no meu trabalho, cada um ali pôde expor a sua própria individualidade, eles criaram a partir deles próprios, cada um bem independente, bem individualmente.”

Jaqueline Vojta, artista

Depoimentos de alunos e ex-alunos:

“O mais marcante pra mim foi a parte da elaboração da nossa própria obra. Agora dá para entender melhor a obra de artistas profissionais, tudo que eles passaram antes de por a obra em exibição, os sentimentos relacionados à reflexão sobre a obra, etc. Passei a entender melhor a arte”.

Daniel. T. 104

“Para mim foi muito marcante ver como um trabalho mexe com a gente, toca, sensibiliza”.

Guilherme Machado

“Aprendemos que é na arte que podemos nos expressar e ser livres, pois nela não somos obrigados a seguir regras determinadas por outros”.

Alex Moraes Rocha

“A experiência de poder trazer coisas pessoais, como a família, para dentro da sala de aula foi muito marcante”.

Bruno Cezar Machado

“Conhecer o processo de criação de uma artista e, além disso, poder vivenciar esse mesmo processo com uma exposição ao final. Foi uma experiência nova na minha vida”.

Carolina Crespo

“Artes Visuais no 1º ano foi diferente de todas as outras disciplinas desde a 5ª série. Isso porque em Artes, nós produzimos o que estudamos, diferente de Física, Matemática, etc. Também foi muito gratificante ver o nosso projeto virar realidade”.

Guilherme Santos

“Foi a realização de um dos poucos trabalhos em que tudo não estava definido e era necessário seguir o roteiro. Livre para fazer escolhas, o aluno tem que ter mais responsabilidades, porém quando o trabalho fica pronto existe a realização e o prazer”.

Letícia Patiño

“O nome do meu trabalho era “Ponto de vista”, eu queria poder mostrar que não existe um só jeito de enxergar o mundo à nossa volta”.

Lívia C, de Souza Biagio

“Quando eu parei para pensar sobre o que eu ia fazer, minhas memórias foram voltando, renascendo. Confesso que isso me emocionou muito”.

Isabela Leoni

“A experiência contribuiu mostrando que a arte contemporânea está mais perto de mim do que eu imaginava, a idéia de que não é preciso ser hiper habilidoso para se expressar me ajudou a ter mais ousadia e acreditar na minha capacidade, valorizando até mesmo a minha imaginação, que não levava muito a sério”.

Bernardo A.

“Se soubermos enxergar a arte como não sendo somente algo que está longe, algo restrito, mas sim o reflexo da nossa própria vida, do dia-a-dia de toda uma sociedade, estaremos nos dando a liberdade de participar a todo o momento da arte... sendo a nossa própria vida uma obra com suas características particulares”.

Glenda A.

“[...] hoje, quando fui no Museu Nacional de Arte Contemporânea, fiquei maravilhada e lembrei a todo momento do nosso curto curso durante o meu primeiro ano... Queria tanto que os outros alunos pudessem vir e ver tudo o que eu vi também. Taaaantas instalações, tantas idéias geniais, e um monte de áudios em português, para a minha surpresa.[...] Pra mim foi uma revisão perfeita do que nós discutimos no tempo em que estudamos arte contemporânea, e eu senti vontade de te escrever não só pra compartilhar, mas também pra agradecer pelas aulas e discussões que nós tivemos, porque me deram a oportunidade de saber entender e especular melhor coisas tão brilhantes quanto as que eu vi hoje, e me fizeram ganhar o dia.”

Eduarda Lira

ex-aluna, atualmente concluindo o Ensino Médio na França

“É graças ao CPII que eu fui para a EBA, por causa do incentivo à criatividade dos alunos, a gente descobre a arte não só como hobby, mas para ingressar no mercado e viver disso [...] Não são aulas de “enrolação”, têm um tratamento mais sério sobre a arte. É importante também como nível cultural, vemos exposições. Você acaba até respeitando mais a arte, uma pessoa que não conhece arte, não respeita [...]. O CPII prepara para a vida, você tem uma visão política, cultural”.

Priscila Silva Lage

ex-aluna, atualmente estudando na Escola de Belas Artes/UFRJ

“[...] eu nunca fiz um trabalho com que eu precisasse me relacionar tanto. Agora dá para entender melhor a obra de artistas profissionais, tudo que eles passaram antes de por a obra em exibição, os sentimentos relacionados à reflexão sobre a obra, etc. Passei a entender melhor a arte”.

Daniel Barbosa

¹ Ver artigo de BARBIERI. *Arte contemporânea no ensino da arte*. In: PINHEIRO, 2009.

² O Colégio Pedro II é uma instituição federal de ensino fundada em 1837 que funciona atualmente como um sistema de ensino composto por catorze Unidades Escolares no Rio de Janeiro.

³ Galeria de arte localizada no Largo de São Francisco no centro histórico do Rio de Janeiro, dirigida por Martha Pagy e Miguel Sayad, desenvolve ações como centro de produção, exibição e difusão da arte e cultura e plataforma de lançamento de ações educativas.

⁴ Dewey ressalta que “receptividade não é passividade” (p.134).

⁵ Lindström define contexto como “campo de estudos, de ação, de intervenção e de diálogo” e afirma que “o professor de arte deve ser capaz de transformar observadores em participantes” (LINDSTRÖM, 2009).

⁶ TEMPO, PASSAGEM, TRANSFORMAÇÃO, SONHOS, INTERRUPÇÃO E CONTINUIDADE, FAMÍLIA foram alguns temas abordados nos últimos anos.

⁷ Para aprofundar esse tema, ver a definição de *work in process*, em COHEN, 2006.

⁸ Texto publicado no release da exposição.

Referências bibliográficas

- BACHELARD**, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BARBIERI**, Stela. *Arte contemporânea no ensino da arte*. In: PINHEIRO, Anderson (org.). *Diálogos entre arte e público: caderno de textos II*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2009.
- BARBOSA**, Ana Mae. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BARBOSA**, Ana Mae. *As mutações do conceito e da prática* in *Inquietações e mudanças no ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 2003.
- CAUQUELIN**, Anne. *Teorias da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- COHEN**, Renato. *Work in progress na cena contemporânea*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DANTO**, Arthur C. *Após o fim da arte – a arte contemporânea e os limites da história*. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- DELEUZE**, Gilles e **GUATTARI**, Félix. *Mil Platôs*, Vol.1-2. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- DEWEY**, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- LINDSTRÖM**, Lars(org). *Nordic Visual Arts Education in Transition*. Stockholm: Swedish Research Council, 2009, apud EÇA, T.T.P., PARDIÑAS, M.J.A., MARTÍNEZ, C.T., PIMENTEL, L.G. (Org.). *Desafios da educação artística em contextos ibero-americanos*. Portugal: Edição APECV (Associação de Professores de Expressão e Comunicação Visual), 2010.
- MENEZES**, Marina Pereira. *A arte contemporânea como conteúdo e fundamento para a prática do ensino de artes*. Dissertação de mestrado, UERJ, 2007.

PARSONS, MICHAEL, entrevista Revista *NOESIS* nº 52, Out/Dez 1999 – DOSSIE.

SANTAELLA, Lucia. Palestra no Simpósio *Padrões aos pedaços*. São Paulo: Paço das artes, 2005.

Greice Cohn

Grad. em Licenciatura em Ed. Artística – Artes Plásticas – EBA/UFRJ (1985), Especialista e Mestre em Tecnologia Educacional – NUTES/UFRJ (2004). Leciona Arte desde 1984, na rede privada e pública, é professora titular de Artes Visuais do Colégio Pedro II desde 1994. Desde 2007, é Coordenadora Pedagógica do Pólo Arte na Escola/UFRJ, onde coordena grupos de estudos e cursos de Extensão. Tem artigos publicados em diversas revistas e Anais.